

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 400 | vol. 24 | 2026



**400 anos de Missões fora do armário: LGBTfobia
e misoginia como legados a serem superados**

Jean Tiago Baptista

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 400 | vol. 24 | 2026

**400 anos de Missões fora do
armário: LGBTfobia e misoginia
como legados a serem superados**

Jean Tiago Baptista

Pós-doutorado pelo Institute for Gender, Sexuality, and Feminist
Studies da McGill University, Canadá e doutor em História pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 400 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

400 anos de Missões fora do armário: LGBTfobia e misoginia como legados a serem superados

Jean Tiago Baptista

RESUMO: Este artigo apresenta as principais conclusões do projeto “Entre o Arco e o Cesto: por uma História e Museologia Queerindígena”. Discorre sobre como os corpos e as performances indígenas existentes até a chegada dos jesuítas nas Missões foram afetados pela introdução das categorias de gênero e sexo ocidentais, bem como seus resultados naquele contexto e na contemporaneidade, como o advento da LGBTfobia e misoginia.

PALAVRAS-CHAVE: História indígena. Teoria queer. Queerindígena. Gênero. Sexualidade.

400 years of Missions coming out of the closet: LGBTphobia and misogyny as legacies to be overcome

Jean Tiago Baptista

ABSTRACT: This article presents the main findings of the project “Between the Bow and the Basket: Towards a Queer-Indigenous History and Museology.” It discusses how Indigenous bodies and performances, as they existed prior to the arrival of the Jesuits at the Missions, were affected by the introduction of Western gender and sex categories, as well as the consequences of this within that context and in contemporary times, such as the emergence of LGBTphobia and misogyny.

KEYWORDS: Indigenous history. Queer theory. Queer-indigenous. Gender. Sexuality.

400 anos de Missões fora do armário: LGBTfobia e misoginia como legados a serem superados

Jean Tiago Baptista

Pós-doutorado pelo Institute for Gender, Sexuality, and Feminist Studies da McGill University, Canadá e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Este estudo é resultado de meu pós-doutoramento em Gênero, Sexualidade e Feminismo pela McGill University e em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Em 1661, os jesuítas tentavam convencer um jovem indígena “metido até às sobrançelas nos abomináveis e nefandos vícios” a se casar com uma mulher. O sujeito repudiava a proposta, mantendo-se convicto nas relações homoeróticas. Porém, após um sermão sobre os pecados de Sodoma na missa dominical e de uma procissão onde chibataram seus semelhantes em praça pública, o sujeito decidiu, enfim, ceder, ainda

que às lágrimas – casado, “nunca mais se ouviu falar que voltasse ao crime”, garante o Provincial Ojeda (1661).

Este caso ilustra que a heterossexualização compulsória não foi somente uma severa imposição colonial aos corpos originários, mas também uma estratégia utilizada pelos próprios indígenas na nova ordem surgida desde a invasão europeia. Do mesmo modo, demonstra o quanto a diversidade de corpos e performances indígenas eram editadas nas Missões Indígena-Jesuíticas a partir das novas moralidades.

Ao longo dos 150 anos de história das Missões, os múltiplos povos indígenas que compuseram a experiência, como Guarani, Charrua, Minuano, Yaró e Jê, foram diversos entre si nos costumes, línguas, vestes, organizações sociais e, sobretudo, em suas performances (Baptista, 2024; Santos, Baptista, 2007).

Ao trazerem consigo uma sociedade centrada no masculino e na branquitude, os jesuítas começaram um ambicioso projeto de edição dos corpos indígenas interessado em subtrair tal diversidade. As performances originárias deveriam ser reduzidas a novas, o de homens e mulheres indígenas coloniais, devidamente inseridos no sistema cisgênero, heterossexual e racial vigentes no Ocidente. A colonização do corpo indígena, como bem aponta o antropólogo Rafael Estevão Fernandes (2015), foi prioridade da Igreja colonial.

Os povos indígenas receberam as categorias de gênero e sexo ocidentais com curiosidade inicial, seguida de interesse prático, até considerá-las enquanto elemento determinante de suas novas performances e até mesmo de suas identidades.

O campo hoje conhecido como *Queer Indigenous Studies*, composto por intelectuais indígenas como o historiador Will Roscoe (1991), a filósofa travesti Giuseppe Campuzano (2014), o artista plástico e performer Kent Monkman (2020) e a historiadora Chris Finley (2011), demonstra que a colonização dos corpos indígenas provocou danos por todo território americano, sempre interessada no apagamento de corpos originários em favor dos desenhos de gênero e sexo ocidentais.

Por outro lado, longe de serem apenas receptáculos ou reagentes às imposições coloniais, os indígenas produziram uma série de redimensionamentos e ressignificações responsáveis pela intensa transformação de seus corpos em um curto período — assim, ao menos, os caminhos da História Indígena demonstram, como contemporaniza a antropóloga e historiadora Maria Cristina dos Santos (2017). As “metamorfoses indígenas”, conforme a historiadora Maria Celestino de Almeida (2010), foram estratégias coloniais fundamentais para a composição social do mundo colonial.

Ao buscarem “margens de manobras” viáveis ao violento contexto colonial, tomando emprestado a expressão usada pela historiadora Elisa Garcia (2013) sobre as dimensões de liberdade indígena naquele contexto, não poucos indígenas aderiram à cisgeneridade e heterossexualidade ocidental de modo a lhes auxiliar no ingresso ao novo mundo que se abria.

A documentação histórica sobre como se operou a colonização dos corpos originários nas Missões por meio de uma abrupta redução da diversidade de performances se encontra em boa parte nos Manuscritos da Coleção De Angelis, hoje depositada na Biblioteca

Nacional, bem como em obras jesuíticas já publicadas. O projeto *Entre o Arco e o Cesto: por uma História e Museologia Queerindígena*, o primeiro a pensar a história das Missões a partir de uma perspectiva de autorias indígenas LGBTQIA+, indígenas descendentes, afro-indígenas e aliados, investiga o impacto da introdução das categorias de gênero e sexo ocidentais no período colonial sem perder de vista seus ecos contemporâneos na sociedade, historiografia e museus, como se vê na sua mais recente publicação (Baptista; Boita, 2025).

As Missões são, neste projeto, um cenário profícuo para se estudar tais origens em virtude de seu contexto e de sua abundante documentação profundamente interessada no tema do corpo. De fato, ao contrário da atual historiografia sobre as Missões, majoritariamente pudica, LGBTfóbica e misógina, os jesuítas não se acanhavam em falar sobre gênero e sexo, pelo contrário: a cada página de seus escritos, deixaram claro que um dos importantes pilares do projeto missional era justamente a vigilância e punição do corpo.

É, portanto, a partir da construção da uma História Indígena Queer, ou melhor, de uma História Queerindígena nas Missões, onde cruzam-se saberes ancestrais com a Teoria Queer, que se torna possível identificar a genealogia da violência de gênero, sexo e raça do passado, contribuindo, com isto, para a esperançosa superação de tais violências vivas em nosso presente.

Em outras palavras, quando se estudam as operações de gênero e sexualidade que envolveram os corpos indígenas nas Missões, vê-se, também, a origem e circulação de nossos próprios corpos latino-americanos.

UM CENÁRIO DE DIVERSIDADE

Reduzir a diversidade de corpos indígenas ao padrão ocidental não era tarefa fácil. Até então forjados coletivamente, esses eram compostos por substâncias não apenas humanas, mas também animais/naturais, sem qualquer relação com as categorias de gênero e sexo ocidentais.

Tamanha fluidez surpreendia os missionários. Por meio de suas cartas e livros, é possível vislumbrar as variantes de como os corpos indígenas performavam.

Em primeiro lugar, parece mesmo que para muitos dos povos envolvidos a performance era determinante para definição de seu papel social, e não necessariamente seus órgãos sexuais. Ou seja, se uma pessoa fosse eficiente em uma atividade como caça, essa seria socialmente tratada como caçador.

Um exemplo entre tantos: durante uma invasão dos portugueses nas Missões na década de 1630, certo sujeito, “esquecendo-se que era mulher”, tomou uma lança em mãos e peleou bravamente na linha de frente, conforme conta o padre Diego de Boroa (1635-1637). Registrava-se, assim, uma performance presente em muitas comunidades tupi-guarani confundida pelos brancos com o mito das Amazonas, mas que, em uma perspectiva queerindígena, indica a existência de pessoas guerreiras pautadas em eficácia e não em categorias que reservam guerras aos que possuem pênis e cuidados domésticos aos que possuem vagina.

Em seguida, foram também notadas pelos padres pessoas compostas por substâncias masculinas e femininas, semelhantes às registradas em diversos cenários

norte-americanos (onde são chamadas de *Two-Spirits*), conforme demonstram os estudos precursores do historiador indígena Will Roscoe (1991).

Os *avá-kuña-ekó*, por exemplo, eram algo como “pessoa com modos de homem e mulher”, sujeitos que viviam na fluidez do masculino e feminino e que possivelmente circularam livremente e em paz nas comunidades indígenas por milhares de anos até a invasão europeia (Ruiz de Montoya, 1876a; Baptista, 2021b; Chamorro, 2009).

Os padres também se surpreendiam com o fato de alguns sujeitos não se vestirem conforme o gênero que julgavam dever performarem em virtude dos órgãos biológicos: “alguns homens se vestem como mulheres”, alertava um missionário já no século XVIII quando entre os Guayaqui, algo semelhante ao que foi visto no fim da década de 1960 no campo do antropólogo Pierre Clastres (1995).

Além disso, uma multiplicidade de práticas sexuais indígenas foi identificada pelos padres. Não raro surgiam notícias de jovens compreendidos como masculinos pelos padres envolvidos em práticas homoeróticas (Ojeda, 1661).

A variedade de práticas sexuais femininas também foi registrada por meio de preocupações missionárias: “Ao prudente Confessor se deixa o exame de Mulheres acerca dos tratos impudicos entre si”, alerta um catecismo, “que se deixam por não abrir os olhos, ao que os têm fechados” (Ruiz de Montoya, 1876b).

Por fim, outro tema amplamente documentado pelos padres foram as famílias extensas, então denominadas de modo pejorativo como poligâmicas, fenômeno reconhecido sobretudo entre os grupos tupi-guarani.

Mediante tamanha diversidade, parece muito provável a inexistência de categorias de gênero e sexo em termos ocidentais entre os povos envolvidos com os jesuítas. Não é possível, portanto, aplicar de modo isonômico aos indígenas essas categorias, como comumente se vê nos estudos contemporâneos, uma vez que tal procedimento, mais uma vez, invisibiliza e coloniza. Por isso, não é possível falar da existência de *homens indígenas* e *mulheres indígenas*, não, ao menos, antes da colonização. Tais categorias são invenções coloniais resultantes do processo de edição das performances indígenas operadas, sobretudo, em experiências como as Missões.

A INVENÇÃO DO HOMEM INDÍGENA MISSIONAL

De modo a reduzir a diversidade nas Missões, a introdução das categorias de gênero e sexo ocidentais nas Missões resultou na invenção dos homens e mulheres indígenas.

Tal invenção é plenamente documentada nas Missões, o que as torna um *locus* importante aos estudos Queerindígenas.

Um elemento determinante para esta produção foi a injeção da “masculinidade hegemônica”, conforme conceito central para compreensão do imperialismo ocidental proposto por R. Connell (2005), na composição dos corpos indígenas missionais.

Uma escultura hoje exposta no Museu das Missões assim apresenta este novo corpo:



Museu das Missões/ Museum of the Missions

Como se percebe, com cabelo comprido apenas até os ombros, roupas ocidentais e postura ereta, este novo corpo está alinhado ao que se espera da estética de um homem colonial, sem nenhum vestígio de substâncias que até então compunham seus corpos, como animais e fenômenos naturais expressos por meio de pinturas, plumarias e outros adereços (Baptista, 2026).

Mas, para além da forma, o conteúdo deste novo homem traz em si uma novidade: em virtude de sua hegemonia, a possibilidade de bater em mulheres.

De fato, a documentação missionária está permeada por inúmeros casos em que homens valem-se da força física contra mulheres. Nesses, elas são flagradas em distintas situações contrárias às novas moralidades missionais, não raro sendo esbofeteadas, chibatas,

amarradas ou punidas por pais, irmãos e maridos. Após comentar uma sucessão de casos como estes, o padre Pedro Romero, em 1634, afirma:

[os homens indígenas] têm já algum temor de Deus, ódio e aborrecimento pelo pecado, pelo qual fazem estes excessos, que antes não tocariam em suas mulheres e aparentadas por quantos casos havia no mundo, e assim estes são milagres da poderosa mão de Deus a qual confiamos a de acabar e aperfeiçoar esta sua obra (Romero, 1970, p. 122, grifo nosso).

Ainda que tratando como excesso, ao entender como benção divina a violência contra mulheres, Romero está comemorando o conflito instalado nas relações originárias mediante a introdução do signo da masculinidade ocidental.

Note também que em episódios como esses os padres indicam os homens indígenas como aliados, possíveis redimensionamentos do patriarcado de baixa intensidade (Segato, 2012), próprio de algumas culturas indígenas, ou até mesmo a implantação do patriarcado colonial propriamente dito.

Além disso, perceba que se trata da invenção de uma masculinidade indígena, ou seja, o cruzamento entre categorias de gênero e raciais: embora o homem indígena missional seja hegemônico perante mulheres indígenas e outros indígenas considerados menos homens, como se demonstrará, ele fala manso e é subalterno aos homens não indígenas, como padres (Baptista, Boita, 2022). Ingressa, assim, no sistema hierárquico de gênero e raça colonial.

A INVENÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS

A generificação das sociedades indígenas nas Missões, embora focada no fortalecimento do masculino, necessitava produzir mulheres missionais como sua antítese.

Retiradas dos coletivos femininos próprios das famílias extensas mediante o fim dos casamentos poligâmicos (ver Felipe, 2008), despidas dos adornos tradicionais, das franjas, pinturas e tatuagens, para, então, serem vestidas dos pés às cabeças, as mulheres indígenas nas Missões viram-se submetidas à ordem masculina que se implantava.

Uma escultura no Museu das Missões demonstra esta nova performance:



Museu das Missões/ Museum of the Missions

Ao contrário de suas antepassadas, a mulher indígena missional está com o corpo totalmente coberto com tecidos, vestida dos pés à cabeça, postura ereta, pernas fechadas e mãos em riste. Possui, contudo, uma longa cabeleira, mantida mesmo mediante a crítica jesuítica, mas coberta por um manto.

Mas é claro que nem todas as mulheres aceitaram com passividade a mão de ferro de uma sociedade que se masculinizava, havendo entre os abundantes casos de violência contra as mesmas registros onde se posicionam fora da subalternidade.

O surgimento do Cotiguaçu, ou Casa das Recolhidas, foi a expressão maior deste empenho. Longe de ser uma prisão, a Casa das Recolhidas existente em cada Missão, algumas a alcançar cifras de 500 mulheres (Baptista, 2015), era um espaço proibido aos homens, onde valores próprios dos coletivos femininos poderiam se desenvolver com uma maior segurança (Yxapi; Pinheiro; Santos, 2025).

A INVENÇÃO DA ABJEÇÃO INDÍGENA

Já os indígenas considerados afeminados não encontraram nenhuma manobra possível para a criação de um espaço próprio nas Missões. De fato, todos corpos incompatíveis com o binarismo de gênero e sexual ocidental foram desterrados das Missões na medida em que a masculinidade hegemônica se instalava.

A tradução foi a estratégia mais recuada dos missionários para combater corpos que consideravam dissidentes dos padrões. Coube ao padre Ruiz de Montoya os primeiros esforços registrados na invenção dos corpos abjetos por meio da língua: em seus estudos,

traduzia verbetes originários como “*avá-kuña-ekó*” por “afeminados”, ao mesmo tempo que nomeava como “machorra” a mulher considerada máscula (Baptista, 2021b, 2024).

Entre outros verbetes, possivelmente o mais utilizado na catequese tenha sido “*tevi*”, o ânus, onde em certa perspectiva da Igreja caso ocorresse derramamento de sêmen ter-se-ia pecado, e “*avá tevíro*”, ambos traduzidos por Ruiz de Montoya para “homem somético”.

Deste modo, os jesuítas ampliavam a abjeção para não apenas vestes e comportamentos, mas miravam um órgão pelo qual mantinham profundo interesse em colonizar, o ânus.

Ao operar tais traduções sobre estes e tantos outros verbetes indígenas que se referiam à diversidade de performances originárias, até então associadas a corporalidades com livre circulação na sociedade sem nenhuma carga detrativa, os jesuítas não apenas colonizavam a língua, mas também procuravam criar os corpos abjetos indígenas mirando seu desaparecimento.

O diálogo entre dados históricos e dados antropológicos demonstra o impacto dessa colonização. Hoje, tanto no guarani falado em algumas regiões do Paraguai quanto em algumas aldeias Kaiowa do Mato Grosso, “*tevi*” é usado normalmente em tom jocoso e depreciativo, misturando-se algumas vezes com “*rory*”, vocábulos próximos a “homossexuais” ou “gays” em traduções contemporâneas (Cariaga, 2015, p. 447).

Do mesmo modo, referir-se a uma pessoa normativamente considerada masculina por meio de adjetivos como “afeminado” ou a outra considerada feminina como “machorra” (ou suas variantes, como “marimacho”) é um instrumento de abjeção fóbica à diversidade que alcança os dias atuais em praticamente toda América-Latina.

UMA GUINADA VIOLENTA

A produção da abjeção indígena não ocorreu apenas por palavras, mas também pela geração de um sistema responsável pela vigilância e punição de todos os corpos que escapassem dos limites simbólicos dos corpos masculinos e femininos que se delineavam.

A primeira estratégia missionária para cercear afeminados e machorras nas Missões foi a introdução do conteúdo condenatório das práticas sexuais dissidentes da heterossexualidade ocidental na pastoral. Ao menos desde 1660, os padres passam a ser orientados a abordar nas missas e confissões as penas infernais reservadas aos nefandos e os castigos a Sodoma e Gomorra (Ojeda, 1661).

De modo gradual, também passou-se a constituir uma série de restrições para qualquer sujeito que não se vestisse conforme as normas de gênero ocidentais. A ciscolonialidade, conforme Viviane Vergueiro (2016), pode ser vista nas esculturas missionais: disciplinados, orientados nas posturas, vestes, cortes de cabelos e gestos, multiplicam-se exemplos pedagógicos de como corpos masculinos e femininos desde então devem ser,

conforme autorias trans observam quando analisam os atuais acervos nos museus dedicados às Missões (Messias, Souto, Ferreira, 2025).

As festas e celebrações que nas primeiras décadas das Missões não possuíam restrições de gênero (Martins, 1999), chegam no fim do século XVII com regras claras sobre a restrição de corpos e performances: nelas, “não entram mulheres, nem *muchachas*, nem homens em traje de mulheres”, tal como promulga um importante regulamento (Donvidas, 1680).

Além dos tormentos psicológicos próprios dos recursos imagéticos da catequese, as Missões criaram um sistema punitivo no qual os “nefandos” eram condenados ao encarceramento de três meses com pouca comida, saídas apenas às missas (desde que mantidos acorrentados) e recebendo “quatro voltas de açoites” (cada qual com 25 golpes) – a segunda maior punição de todos os crimes missionais, perdendo apenas para o homicídio, como bem aponta o historiador Antônio Dari Ramos (2016).

Também ao menos a partir de 1660 as missões passaram a produzir espetáculos punitivos, como ocorreu tão logo três rapazes foram flagrados em “pecados nefandos”: após procissão liderada por um homem indígena que anunciava os pecados dos punidos enquanto outro os chibatava, os rapazes foram degredados para Missões distintas, uma mais distante que outra, de modo que jamais voltassem a se encontrar (Ojeda, 1661).

A moral das Missões tratou de permitir que os recém-inventados homens indígenas punissem aqueles que fossem considerados menos homens que eles. Dis-

so, duas evidências documentais: após uma procissão punitiva de “nefandos”, por exemplo, pais “desejosos de desterrar tal vício de seus filhos”, açoitam até mesmo “os já casados e com filhos” em plena praça pública (Ojeda, 1661); durante uma celebração na praça central no fim do século XVII, um novo corregedor pune seu filho com chibatadas, mesmo sendo esse “moço casado”, em virtude do “péssimo exemplo em certas travessuras” (Anônimo, 1690).

Mediante a crescente adesão dos homens indígenas às práticas violentas contra sujeitos considerados menos homens, os padres comemoram terem vencido “o pouco cuidado que os pais tinham de seus filhos e o pouco castigo com que os criavam” (Ojeda, 1661), reclame histórico de religiosos em praticamente toda América. A introdução dos espancamentos como prática pedagógica servia para moldar os limites de um corpo ficcionado como masculino.

Mas não apenas os pais, como também qualquer homem missional era autorizado a responder com violência extrema a outro homem que o convidasse para práticas sexuais, devendo, ainda, comunicar aos padres o ocorrido (Ojeda, 1661).

Como se percebe, as Missões em um curto espaço de tempo banalizaram a ideia de que homens estavam autorizados a aplicar a violência contra pessoas sexualmente dissidentes, sobretudo em praça pública.

Neste cenário de cerceamento, a heterossexualização compulsória, embora instrumento de opressão colonial, apresentou-se como uma manobra para alguns indígenas protegerem-se da abjeção. Tal como ocorreu com o jovem “metido até às sobranceiras” em práticas

homoeróticas apresentado na introdução deste artigo, casar-se com algum sujeito reconhecido como seu sexo oposto foi uma estratégia útil que cortou o tempo até nos alcançar aos dias atuais.

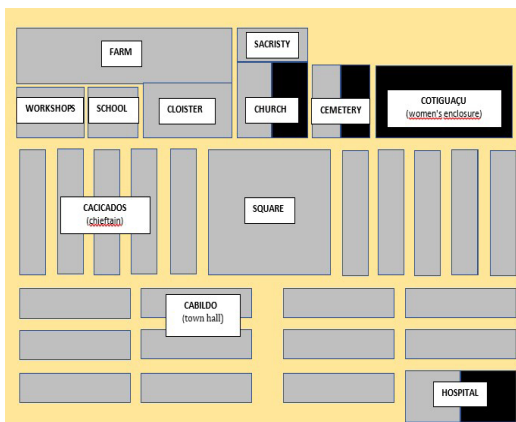
Desde então, quantas pessoas LGBTQIA+ não se viram obrigadas a ingressar em relacionamentos heterossexuais de modo a se protegerem do preconceito?

UM MUNDO GENERIFICADO

Os esforços missionais de generificação da sociedade indígena podem ser vistos nas configurações espaciais próprias das Missões.

Uma Cartografia Queerindígena das Missões, como propõem o arquiteto Yuninni Terena e a geógrafa Rosenilde Santos (2025), revela que o recorte de gênero foi determinante para a construção daqueles espaços, surgindo, com isso, a expressão de uma masculinização da espacialidade em detrimento da diversidade e fluidez de performances indígenas.

Assim, ao menos, nota-se quando se analisa a planta baixa das Missões em uma perspectiva queerindígena:



Fonte: Baptista e Boita (2024).

Nesta planta baixa, os espaços em cinza são aqueles constituídos como masculinos, enquanto os em preto são femininos.

Conforme a documentação, quinta, oficina, escola, claustro e sacristia são espaços onde as mulheres estavam proibidas de ingressar.

Já os cacicados, conforme termo da fonte para as casas comuniais que compunham bairros, são liderados unicamente por homens, do mesmo modo que o Cabildo, espécie de prefeitura. As mulheres, assim, não participariam das decisões políticas das Missões, ao contrário do que outrora ocorria no interior das famílias extensas.

A praça central, como já indicado, embora espaço público, servia às festas, procissões e celebrações, onde passou-se a restringir a presença feminina.

Resta, com isso, a divisão por gênero do interior da igreja, com metade de sua nave dedicada às mulheres, do mesmo modo que o cemitério e o hospital.

Mais uma vez como indicado, somente o Cotiguaçu é um espaço feminino, resultado da pressão delas para possuir um espaço próprio neste mundo espacialmente masculinizado.

Como aponta o arqueólogo Artur Barcelos (2000), o espaço missional foi construído não apenas a partir da orientação monástica trazida pelos jesuítas, mas também pelos próprios indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM LEGADO DE 400 ANOS DE VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA E MISÓGINA

Quando a jornalista Marcela Donini (2026) aponta o legado de violência das Missões, o faz com acerto histórico. Isto porque as Missões estão na origem do que hoje se chama LGBTfobia e misoginia, categorias jurídicas recentes que traduzem dois dos cânceres sociais que corroem as sociedades brasileira, paraguaia, argentina e uruguaia, para citar os países culturalmente herdeiros das Missões Jesuíticas.

Em outras palavras, por onde missionários como os jesuítas passaram, colaboraram diretamente à construção do ódio aos corpos localizados além dos horizontes de setores ultraconservadores.

Desta análise, duas noções que os (inventados) 400 anos de Missões provocam:

A primeira é que se deve ter muito cuidado ao comemorar aniversários de qualquer herança colonial, pois tais tempos foram perversos e danosos aos povos do passado – sem dúvida, o correto seria haver pedidos de desculpas e indenizações aos povos indígenas.

A segunda noção é a de que nós latino-americanos herdamos tais danos, o que comprova que violências simbólicas e assassinatos contemporâneos de mulheres e pessoas LGBTQIA+ não são fenômenos naturais ou próprios das culturas indígenas, mas, sim, feridas abertas pela colonização.

A decolonização do gênero e da sexualidade, especialmente quando intersecciona raça e etnicidade, é, pois, uma necessidade não apenas científica, mas, também e sobretudo, de cura.

Infelizmente, os tais 400 anos de Missões optaram por tons ufanistas, desperdiçando-se a oportunidade de reflexões sobre aspectos do projeto missional não tão admiráveis quanto seus feitos arquitetônicos.

Já são um tanto mais de 400 anos de história das Missões no armário.

Passou da hora, acredito, de seu *coming out*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ANÔNIMO. **Annua de las doctrinas del Paraná**. Biblioteca Nacional, Manuscritos da Coleção De Angelis, 1695.

BAPTISTA, Jean Tiago. “Machorras” e “afeminados” indígenas: corpos abjetos nas Missões. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, 2021b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zkPQKW7SVSHHJgjBZKjYwJ/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago. Entre o arco e o cesto: notas queer sobre indígenas heterocentrados nos museus e na museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 61, n. 17, p. 43-65, 2021a. Disponível em: <https://revistas.ulusofofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7578>. Acesso em: 27 jul. 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago. História Queer Indígena nas Missões: a invenção do homem indígena. **Revista Missões**, 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago. Notas sobre a diversidade étnica e patrimonial nas missões indígenas-jesuíticas – ou sobre quando se reduzem diversos povos indígenas a apenas um. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 19, n. 2, 2024. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/BxmZddWxBGvyKJnDLjffDjg/abstract/?format=html\(=pt](https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/BxmZddWxBGvyKJnDLjffDjg/abstract/?format=html(=pt). Acesso em: 27 jul. 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago.; BOITA, Tony (org.). **Sociomuseologia e história queer indígena**. Lisboa: Edições Lusófonas, 2025.

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. Indigenous Bodies, Gender, and Sexuality in the Jesuit Missions of South America (17th–18th centuries). **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 11, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-024-02925-6>. Acesso em: 27 jul. 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago. **O temporal**. Dossiê Missões, v. 1. Brasília/São Miguel das Missões, Instituto Brasileiro de Museus/Museu das Missões, 2015. Disponível em: https://museudas-missoes.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/BAPTISTA_o_temporal_sociedades_e_espacos_missionais_Dossiê_Missoes_vol_1.pdf. Acesso em: 6 jul. 2026.

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; WICHES, Camila. **Masculinidades indígenas nas Missões**. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JGntQDbhz9ZLqyDJngYQ7Mq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jul. 2026.

BARCELOS, Artur. **Espaço e arqueologia nas Missões Jesuíticas**. Porto Alegre, Edipucrs, 2000.

BOROA, Diego. Décima cuarta carta anua en donde se relaciona todo lo acaecido en los años de 1635-1637. **Documentos para la historia argentina**. Buenos Aires: Wentworth Press, 1929.

CAMPUZANO, Giuseppe. **Saturday Night Thriller y otros escritos**. Lima: Estruendomudo, 2013.

CHAMORRO, Graciela. **Decir el cuerpo**: historia e etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní. Asunción: Tiempo de Historia, 2009.

CLASTRES, Pierre. **Crônica dos índios Guayaki**: o que sabem os Aché caçadores nômades do Paraguai. São Paulo: Editora 34, 1995.

CONNELL, R. Globalization, Imperialism, and Masculinities. In: KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff; CONNELL, R. (org.). **Handbook of Studies on Men and Masculinities**. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 71-89.

DONINI, Marcela. As Missões e um legado de violência. **Matinal**, 2025. Disponível em: [✉ As Missões e um legado de violência](#). Acessado em: 06 de jul. de 2026.

DONVIDAS, Tomas. Reglamento general de Doctrinas enviado por el Provincial P. Tomás Donvidas, y aprobado por el General P. Tirso em 1689. In: HERNÁNDEZ, Pablo. **Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús**. Barcelona: [s. n.], 1913. p. 593-599.

FELIPPE, Guilherme. Casar sim, mas não para sempre. **História Unisinos**, 12, 2008.

FERNANDES, Rafael. **Decolonizando sexualidades**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

FINLEY, Chris. Decolonizing the Queer Native Body (and Recovering the Native Bull Dyke): Bringing ‘Sexy Back’ and Out of Native Studies’ closet. In: DRISKILL, Qwo-Li; FINLEY,

Brian Joseph Gilley; MORGENSEN, Scott Lauria. **Queer indigenous studies**: critical interventions in theory, politics, and literature. Tucson: University of Arizona Press, 2011. p. 97-111.

GARCIA, Elisa Fruhauf. Dimensões da liberdade indígena: missões do Paraguai, séculos XVII-XVIII. **Tempo**, Niterói, v. 19, n. 35, p. 83-95, 2013.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **A festa Guarani nas Missões**: perdas, permanências e recriações. 1999. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MESSIAS, Luan Apolo; SOUTO, Caio; FERREIRA, Rame. Questões trans na História e Museologia sobre Missões Jesuíticas. In: BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony (org.). **Sociomuseologia e História Queerindígena**. Lisboa: Edições Lusófonas, 2025.

MONKMAN, Kent. **Honte et Préjugés**: une histoire de résilience. Toronto: Art Museum, 2020.

OJEDA, Simón. Biblioteca Nacional, Manuscritos da Coleção De Angelis, 1661.

RAMOS, Antônio. **Tribunal de gênero**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

ROCOE, Will. **The Zuni Man-Woman**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.

ROMERO, Pedro. Cartas anuais das reduções do Paraná e Uruguai de 1634. In: VIANNA, Helio (org.). **Manuscritos da Coleção De Angelis**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970. p. 80-144.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Catecismo de la lengua Guaraní**. Madrid/Leipzig: [s. n.], 1876b.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Vocabulario y tesoro de la lengua Guaraní, ó mas bien tupi**. Viena/Paris: Faesy y Frick/Maisonneuve, 1876a.

SANTOS, Maria Cristina. Caminhos historiográficos na construção da História Indígena. **História Unisinos**, v. 21, n. 3, 2017.

SANTOS, Maria Cristina; BAPTISTA, Jean. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena. **Revista História UNISINOS**, v. 4, n. 2.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos Ces**, n. 18, p. 105-131, 2012.

TERENA, Yuninni; SANTOS, Rosenilde. Cartografia Queer Indígena do Sítio Histórico das Missões Jesuíticas. In: BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony (org.). **Sociomuseologia e História Queerindígena**. Lisboa: Edições Lusófonas, 2025. p. 147-151.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (org.). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

YXAPY, Patrícia Ferreira Pará; PINHEIRO, Sophia; SANTOS, Rosenilde. Mulheres indígenas nos sítios históricos das Missões. In: BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony (org.). **Sociomuseologia e História Queerindígena**. Lisboa: Edições Lusófonas, 2025. p. 131-139.

Jean Tiago Baptista



Jean Tiago Baptista possui pós-doutorado pelo Institute for Gender, Sexuality, and Feminist Studies da McGill University, Canadá, onde também foi professor visitante e bolsista Muriel Gold (2019), e pelo Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2025). Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (2007), é mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (2004), licenciado em História (2001) e bacharel em História (2001) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É docente do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona, Portugal. Vive em Aracaju, onde é docente associado nível 4 da Universidade Federal de Sergipe, lecionando no curso de Museologia. Seus estudos envolvem a fronteira entre História, Museologia e Patrimônio, sobretudo quando relacionados ao passado e presente queer indígena.

EVENTOS COM JEAN TIAGO BAPTISTA NO IHU

- Missões jesuítico-guarani. Colonização de gênero e sexualidade



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A *philia* como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Cai - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hender
- N. 397 Simondon Cósmico - Gilbert Simondon e Thiago Novaes
- N. 398 Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão cínica nas juventudes - lael de Souza
- N. 399 Por uma política da filosofia - Sandro Chignola

 UNISINOS